

História de “coronéis” é melindre a contornar

Limoeiro (PE). — Contar numa linguagem clara, capaz de ser entendida por crianças, a participação dos **coronéis** que tornaram nacionalmente famosa esta cidade de 57 mil habitantes, situada na Zona da Mata de Pernambuco, a 80 quilômetros de Recife, foi a grande dificuldade da equipe encarregada de redigir a cartilha que a Secretaria de Educação está preparando para ser utilizada nas escolas do município.

— Uma frase poderia ser mal interpretada ou mesmo causar desentendimentos entre famílias — lembra a professora Kátia Maria de Souza, que, ao lado de Veralúcia Andrade e Valdenise Tibúrcio, compôs a equipe encarregada de redigir a cartilha. “Ficamos tão preocupadas com isso que passamos muito de raspão sobre o tema. Hoje, sabemos que será preciso aprofundar mais e vamos refazer todo o trabalho”, conta ela.

Geografia do homem

A parte a dificuldade para colocar na história levada às crianças as contribuições de homens polêmicos, como o velho **coronel** Francisco Heráclito, as professoras da equipe de Limoeiro sofreram também com a falta de informações armazenadas. “Foi uma loucura achar qualquer documento sobre o folclore do município. Tivemos de recorrer à memória dos velhos”, lembra Kátia, acrescentando que no caso da cidade o problema era muito mais grave, por se tratar de uma zona de transição. “Estamos no meio do caminho entre o Recife e o interior, e isso faz com que sofremos muitas influências”, afirma.

Tanto Kátia, quanto Vera Andrade, afirmam que a elaboração da cartilha foi uma experiência enriquecedora para elas mesmas. “Antes do começo do trabalho, se alguém de fora daqui me perguntasse o que é mais importante para a economia de Limoeiro, se a cana de açúcar ou a pecuária, eu diria que era a cana. Mas descobri que havia uma terceira atividade tão importante quanto estas e que eu não percebia”, afirma Kátia referindo-se à retirada da areia do leito do rio Capibaribe, vendida depois nos armazéns de construção de todo o estado. “Centenas de pessoas vivem dessa atividade, visível para todos, e eu não percebia” — comenta. A própria existência do rio Capibaribe e sua influência na vida da comunidade não eram muito claras para as professoras. “O rio — descobrimos agora — durante muito tempo espremia Limoeiro entre suas margens e o monte Redentor. A cidade cresceu comprimida e estreita. Depois, com a construção de novas pontes, uma parte da população transpôs o Capibaribe e, no caso, foram as pessoas mais bem situadas economicamente. O rio, assim, se transformou também em elemento de distinção social”, comenta Vera Andrade, preocupada em explicar que, se as cartilhas não vão tão longe em suas análises, sua elaboração mostra a importância de estudar as coisas do lugar em que se vive.

— As futuras gerações não vão mais chamar de serra o monte Redentor, como todos chamam agora. E também vão saber que o rio Capibaribe (o mesmo que corta Recife), se causa problemas com suas enchentes, é a coisa mais importante de Limoeiro — afirma.